

NARRATIVAS DA IMPRENSA CARIOCA SOBRE OS JOGOS OLÍMPICOS NAS DÉCADAS DE 1890 E 1900¹

NARRATIVES OF RIO DE JANEIRO'S PRESS ABOUT THE OLYMPIC GAMES OF THE 1890s AND 1900s

Fausto Amaro²

Resumo: O presente artigo investiga a recepção dos jogos olímpicos nos jornais cariocas a partir, principalmente, da perspectiva teórica dos estudos sociais do lazer. As décadas de 1890 e 1900 são tomadas como estudos de caso para uma análise das narrativas de quatro periódicos: *Jornal do Brasil*, *Correio da Manhã*, *Gazeta de Notícias* e *O Paiz*. No decorrer da pesquisa, foi possível estabelecer quatro categorias para o melhor entendimento dos jogos olímpicos, quais sejam: a) jogos olímpicos organizados pelo Comitê Olímpico Internacional (COI); b) outros jogos olímpicos (eventos “não-oficiais”); c) jogos olímpicos enquanto divertimento e prática artístico-cultural; d) jogos olímpicos enquanto tema de comparação e expressão de uso corrente. Neste artigo, por razões de espaço, abordarei apenas a terceira categoria.

Palavras-Chave: Jogos olímpicos. Esporte. Lazer. Narrativas jornalísticas.

Abstract: This article investigates the reception of the olympic games in Rio de Janeiro's newspapers from the perspective of the social studies of leisure. The decades of 1890 and 1900 are taken as case studies to analyze the narratives of five newspapers: *Jornal do Brasil*, *Correio da Manhã*, *Gazeta de Notícias* e *O Paiz*. During this research, it was possible to establish four categories in order to better understand the olympic games, namely: a) the olympic games organized by the International Olympic Committee (IOC); b) other olympic games (“non official” events); c) olympic games as an entertainment and cultural and artistic practice; d) olympic games as a theme of comparison and an expression of current use. In this article, for reasons of space, only the third category will be presented.

Keywords: Olympic games. Sport. Leisure. Journalistic narratives.

Introdução

Em meados do século XIX, o legado esportivo dos antigos gregos encontrava muitos admiradores europeus, como atestam as diversas tentativas de organização de “jogos olímpicos” (GUTTMANN, 1994, p. 120-121). O mais bem-sucedido dentre eles foi Pierre de Freddy, o barão de Coubertin. Em 1894, Coubertin organizou um congresso na Universidade

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática “História da Comunicação e dos Meios” do XIV Congresso Internacional IBERCOM, na Universidade de São Paulo, São Paulo, de 29 de março a 02 de abril de 2015.

² Doutorando do PPGCom da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, com bolsa Faperj. Mestre pela mesma instituição, com apoio da Capes; pesquisador associado ao Laboratório de Estudos em Mídia e Esporte (LEME/Uerj) e membro do grupo “Esporte e Cultura”, cadastrado no CNPq. Email: faustoamaro@outlook.com

de Paris-Sorbonne para deliberar sobre a recriação dos Jogos Olímpicos³ e apontar sua primeira sede – Atenas foi a cidade escolhida. Desde então, as Olimpíadas experimentaram uma contínua ascensão em número de esportes, nações e atletas participantes, e o Comitê Olímpico Internacional (COI) se tornou detentor da marca Jogos Olímpicos.

A princípio, meu objetivo era investigar justamente as narrativas jornalísticas sobre os Jogos Olímpicos de 1896 a 1908. Fiquei surpreso, entretanto, ao descobrir um uso mais polissêmico da expressão. O COI ainda não possuía um domínio exclusivo sobre a “marca” Jogos Olímpicos nas páginas impressas dos periódicos e no imaginário social. A partir dessa constatação, a pesquisa passou a tratar os jogos olímpicos de modo mais abrangente, enquanto movimento cultural, artístico e esportivo. O recorte deixou de se situar nas edições dos Jogos Olímpicos de Atenas, Paris, St. Louis e Londres, para compreender, amplamente, as décadas de 1890 e 1900. Nesse intervalo temporal, analisei os elementos do discurso jornalístico que me permitiram compor um quadro desses múltiplos usos e apropriações dados à expressão “jogos olímpicos”.

Das quatro categorias que elaborei para interpretar as menções aos jogos olímpicos, trabalhei neste artigo com apenas uma delas. Trata-se dos jogos olímpicos enquanto termo para designar atividades circenses, apresentações esportivas inseridas em eventos comemorativos, tema de películas e peças teatrais. A aproximação com a temática do lazer e do entretenimento na sociedade carioca da virada do século XIX para o XX acabou se revelando central.

Nas próximas páginas, forneço informações de contextualização sobre a história do Brasil, do Rio e da imprensa à época; em seguida, abordo alguns conceitos introdutórios sobre o lazer; por fim, depois de explicar a metodologia empregada para seleção e análise dos dados, apresento o relato da pesquisa.

O Brasil, o Rio e a imprensa: breves comentários

O ano anterior ao início da década de 1890 marca a passagem do Brasil Império para o Brasil República. As mudanças aconteceram em sequência – o governo republicano é

³ Esclareço as distinções de grafia que farei quando me utilizar da palavra “jogos olímpicos”. Para evitar ter de repetir a todo o momento “jogos olímpicos do COI” quando me referisse a eles, optei por fazê-lo com letra maiúscula: Jogos Olímpicos. Em relação aos demais jogos olímpicos, que serão vistos mais a frente, e quando me referir aos jogos em geral (tanto os oficiais quanto os não-oficiais), adotarei a grafia com letra minúscula.

proclamado em 15 de novembro de 1889 e, em fevereiro de 1891, temos nossa Constituição (republicana, federativa, presidencialista, laica e liberal).

A economia brasileira estava baseada no café e, por isso, a porcentagem da população que vivia nos campos ainda era elevada, bem como o número de imigrantes (espanhóis, italianos, portugueses e japoneses, principalmente) que trabalhavam nas lavouras. “Segundo o censo de 1920, de 9,1 milhões de pessoas em atividade, 6,3 milhões (69,7%) se dedicavam à agricultura, 1,2 milhão (13,8%) à indústria e 1,5 milhão (16,5%) aos serviços” (FAUSTO, 2006, p. 159).

Enquanto isso, no Rio de Janeiro, capital da República e centro das grandes transformações sociopolíticas do período, as reformas urbanas empreendidas pelo prefeito Pereira Passos modificavam profundamente a cidade. A modernidade carioca se manifestava com intensidade na virada do século XIX para o XX. A cidade do Rio era a maior do Brasil e apresentava um acelerado ritmo de crescimento (de 1890 para 1900, a população passou de 522.651 para 811.443⁴).

O campo da imprensa era exemplar desse Rio de Janeiro que se pretendia moderno e que estava em sintonia com as notícias e inovações oriundas do mundo todo. A Agência Havas, fornecedora de notícias telegráficas (cf. MATHEUS, 2014), possuía, desde o final do século XIX, um escritório no Rio de Janeiro e era responsável por alimentar muitos dos grandes jornais da capital. Além disso, cinematógrafo, fonógrafo, gramofone, daguerreótipo, linotipo eram algumas das inúmeras alterações tecnológicas que impactavam a vida população carioca nesse período. “Os periódicos transformam gradativamente seus modos de produção e o discurso com que se autorreferenciam. *Passam a ser cada vez mais ícones de modernidade*, numa cidade que quer ser símbolo de um novo tempo” (BARBOSA, 2007, p. 22, grifos meus).

Em descompasso com as intenções e promessas de um Rio moderno, estava a realidade da população. Em 1872, apenas 16% da população brasileira era alfabetizada (CARVALHO, 2002, p. 22). No Rio de Janeiro, em 1890, a situação estava um pouco melhor: “a cidade tinha mais de 500 mil habitantes, e pelo menos metade deles era alfabetizada” (Ibid., p. 39). A porcentagem de leitores muito provavelmente era ainda menor que a de cidadãos

⁴ Fonte: < <http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=6&uf=00>>. Acesso em: 01 dez. 2014.

alfabetizados. Desses dados é interessante extrairmos que o público leitor de jornais era extremamente reduzido, mesmo no Rio, capital da República recém-instaurada.

Apesar da pequena população letrada, a vendagem diária dos jornais cariocas era relativamente alta: “Segundo informação do escritor Olavo Bilac, as cinco mais importantes folhas da cidade – o *Jornal do Brasil*, o *Jornal do Commercio*, *Gazeta de Notícias*, *Correio da Manhã* e *O Paiz* – tiram juntas 150 mil exemplares” (BARBOSA, 2007, p. 41, grifos da autora). Esses números do início da década de 1900, numa cidade de cerca de 800 mil habitantes, são reveladores do lugar ocupado pelos jornais no cotidiano das cidades e na vida privada dos cidadãos.

Sendo a mídia hegemônica do período, as representações veiculadas pelos periódicos possuíam grande poder simbólico. Juntamente com a comunicação oral, fortemente presente em uma sociedade pouco letrada, como o Rio da época, a mídia impressa possuía um papel singular na transmissão das novidades e na construção do imaginário sobre os eventos que narrava. Essa importância não passava despercebida àqueles que trabalhavam com a letra impressa. Na *Gazeta da Tarde* do dia 21 de março de 1889, o artigo de opinião intitulado “Jornalismo” encerrava uma ode ao ofício do jornalista. O texto associava o jornal à modernidade e aludia, de modo elogioso, à Grécia Antiga; lembrava os leitores, porém, que aos gregos lhes faltava um elemento essencial: “Porém, ah! me condoio daquela civilização, quando penso que não tinha jornais, pois pelo jornal deixamos de ser membros de uma cidade para ser cidadão (sic) do mundo” (*Gazeta da tarde*, 21 de março de 1889, p. 1, grifos meus).⁵

Desse modo, na transição do século XIX para o XX, as informações fornecidas pela imprensa carioca, apesar de disponíveis, não eram acessíveis a todos, no sentido de serem lidas, interpretadas e consumidas.

Lazer e tempo livre: considerações

Na virada do século, a noção de tempo na prática jornalística sofria alterações. A inserção de modernos processos produtivos, graças às novidades maquinicas, permitiu um encurtamento

⁵ Essa e as demais citações extraídas dos veículos jornalísticos aqui investigados reproduzem com fidelidade a grafia das palavras utilizada à época. Optei por preservar essas peculiaridades no uso da língua portuguesa em respeito aos textos originais e seus autores, bem como para transmitir ao leitor a ambiência de onde (tempo e espaço) essas narrativas foram extraídas.

do tempo (de impressão, montagem do jornal, etc.) e do espaço (notícias de todo o mundo chegavam mais rapidamente às redações cariocas). Essas alterações modificavam também as lógicas de trabalho. O tipógrafo era substituído pelo linotipista e o jornal, que anteriormente estava pronto para publicação às 2h, agora poderia ser fechado até mesmo às 4h da madrugada (BARBOSA, 2007, p. 26). Nesse contexto, a despeito das inovações, o tempo de trabalho parecia ser prolongado (das 2h às 4h). O tempo livre para o jornalista “moderno” e o linotipista provavelmente eram inferiores aos de seus colegas tipógrafos e jornalistas de outrora.

Ao mesmo tempo e com o apoio dos jornais, o esporte e outros divertimentos populares se consolidavam no Brasil sob a égide da influência europeia: “[...] no Rio de Janeiro da transição dos séculos XIX/XX podemos observar o desenvolvimento e melhor estruturação de um mercado de diversões, que incluía espetáculos musicais e teatrais, os primeiros momentos de nosso cinema e o crescimento das práticas esportivas” (2005, p. 9). O Rio era a porta de entrada para os modernos hábitos de consumo e lazer vindos da Europa (MELO, 2001, p. 14).

Esse estatuto moderno do lazer enquanto prática social é, aliás, um ponto de dissenso entre os pesquisadores. Christianne Gomes resume assim o embate: “[...] o lazer sempre existiu ou representa um fenômeno característico das modernas sociedades urbano-industriais?” (2004, p. 133). Os entusiastas da primeira hipótese remontam o lazer à Grécia e Roma antigas, enquanto o segundo grupo foca sua abordagem no período posterior à Revolução Industrial. Ambos concordam, porém, quanto ao que seria o momento crucial para o lazer: a Modernidade (2004, p. 136). Nesse debate, tendo a concordar com Gomes: “É demasiado arriscado definir, com exatidão, o momento histórico em que o lazer se configura na sociedade ocidental” (2004, p. 138). Na análise dos periódicos, pude observar algumas comparações entre as opções de lazer das décadas de 1890 e 1900 e aquelas que os gregos antigos dispunham em seu tempo livre, o que indica certo nível de diálogo entre os dois períodos.

A referida autora (2004) observa ainda que na primeira metade do século XX o lazer estava associado ao tempo de não-trabalho, fruto das conquistas de direitos da classe trabalhadora. E, ainda que benéfico para os operários, o lazer ofertado era passível de coerção. Esse aparente paradoxo fica mais evidente quando observamos a origem

etimológica das palavras ócio e trabalho: “*otium* (ócio) e *nec-otium* (não-ócio, ou seja, *negócio*)” (MARCASSA, 2004, p. 166, grifos da autora).

Nesse esquema, as práticas de lazer podem ser pensadas tanto como um estímulo a hábitos mais saudáveis quanto como uma aliada do sistema capitalista na manutenção da eficácia do trabalho fabril. A perspectiva inglesa e francesa sobre o lazer focam-se justamente na Revolução Industrial e no trabalho capitalista. Na Escola de Frankfurt, por exemplo, a reflexão sobre o lazer se associava àquela sobre o trabalho, com o forte viés de crítica à indústria cultural. Alexandre Vaz argumenta que para Adorno e Horkheimer: “o tempo livre não seria apenas uma preparação para o trabalho, mas uma forma de, no mesmo contexto, controle da consciência” (2005, p. 9). Outra importante corrente da sociologia do lazer, contudo, parte da perspectiva culturalista de Gilles Pronovost, que aborda o lazer pelo viés da cultura (CAMARGO, 2011, p. 12).

A Modernidade se constitui, assim, em um período de intensificação da produtividade do trabalho, de regulação do tempo livre e de normatização do lazer. O tempo não é fluído, mas fracionado em pequenos compartimentos. Existe o momento do trabalho, dos cuidados com a saúde, da diversão, do ócio, do estudo. “O lazer moderno/institucionalizado congrega referências como *padronização, organização, uso de equipamentos, precisão e ocupação*; configura-se pela ocupação do tempo com experiências lícitas, saudável, segundo o modelo determinado” (ROSA, 2004, p. 67, grifos meus). Victor Melo, por sua vez, coloca em evidência a oposição existente a esse movimento moderno do lazer: “No final do século XIX o lazer se definira, na égide da sociedade do espetáculo, como um fenômeno de massas. Ele deve ser entendido no âmbito da consolidação do projeto de cidade moderna, não só como adequação, *mas como tensão e resistência*” (2005, p. 16, grifos meus).

O apoio ao consumo e ao exercício de jogos olímpicos pode encontrar, então, suas bases no lazer moderno. Nesse sentido, é possível interpretá-lo como uma prática saudável para os cidadãos em geral, benéfica à iniciativa privada e ao controle social do Estado, o que, em fins do século XIX e início do XX, era útil à recém-instituída República brasileira. Os jornais, ao endossar os jogos olímpicos e estimular que fossem assistidos, promoviam, talvez não intencionalmente, um novo estilo de vida.

Sobre o Método

Os jornais diários do Rio de Janeiro foram primordiais na introdução e difusão do esporte e do lazer modernos na cidade. Logo, explorar os significados destes últimos por meio dos discursos elaborados pelos primeiros é uma fonte profícua de investigação.

Quanto à metodologia utilizada, posso dividi-la em duas etapas. Primeiro, efetuei uma análise de conteúdo através da leitura e classificação das matérias. Em seguida, foi possível estabelecer quatro categorias que caracterizam como os jogos olímpicos se apresentavam nas páginas dos periódicos. A pesquisa quantitativa de conteúdo foi conjugada a um estudo qualitativo das narrativas jornalísticas (cf. CHARAUDEAU, 2013).

O trabalho em um grande intervalo temporal foi em larga medida facilitado pela busca por palavras-chave disponibilizada pelo sítio on-line da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional⁶. Isso posto, para obter alguns parâmetros iniciais do conteúdo a ser investigado, efetuei uma busca em jornais do Rio de Janeiro por cinco termos dentro dos períodos históricos desejados. Os resultados (tabela 1) ilustram a inserção da temática olímpica na mídia impressa das décadas de 1890 e 1900.

Tabela 1: Pesquisa por palavras-chave realizada na Hemeroteca Digital da BN.

Palavra-chave	Período	Amostragem (total de jornais/total de páginas)	Total de Ocorrências
jogos olympicos	1890 a 1899	163 / 872.893	61
	1900 a 1909	150 / 1.175.079	149
olympiada	1890 a 1899	163 / 872.893	24
	1900 a 1909	150 / 1.175.079	40
olympiadas	1890 a 1899	163 / 872.893	7
	1900 a 1909	150 / 1.175.079	19
coubertin	1890 a 1899	163 / 872.893	2
	1900 a 1909	150 / 1.175.079	5
jogos gregos	1890 a 1899	163 / 872.893	0
	1900 a 1909	150 / 1.175.079	1

Após essa pesquisa exploratória, escolhi como fontes de análise quatro dos principais jornais cariocas à época (nome do periódico/período disponível para consulta): *Gazeta de Notícias* (1875 a 1956); *O Paiz* (1884 a 1934); *Jornal do Brasil* (1891 a 2012); *Correio da*

⁶ Disponível em: < <http://hemerotecadigital.bn.br/>>.

Manhã (1901 a 1974). Os principais critérios para essa escolha foram a representatividade do veículo na sociedade carioca de então e a atenção dispendida aos jogos olímpicos.

Tabela 2: Dados sobre o aparecimento de palavras-chave nos jornais pesquisados. A busca foi realizada na semana de 24 a 28 de novembro de 2014⁷.

Periódico	Década	Coubertin	Jogos olympicos	Olympíada	Olympíadas	Jogos Gregos
<i>Correio da Manhã</i>	1900	0	18	5	1	0
<i>Jornal do Brasil</i>	1890	0	11	2	1	0
	1900	3	46	9	0	0
<i>O Paiz</i>	1890	0	7	1	0	0
	1900	0	22	2	1	1
<i>Gazeta de Notícias</i>	1890	1	13	3	0	0
	1900	1	22	4	1	0
		5	139	26	4	1

A seguir apresento as quatro categorias estabelecidas, sendo que apenas uma, a qual denominei como “jogos olímpicos enquanto divertimento e prática artístico-cultural”, será analisada em profundidade.

Os Jogos Olímpicos organizados pelo COI

As primeiras edições dos Jogos Modernos foram marcadas pela pouca organização e pela baixa adesão dos países. As Olimpíadas eram um evento menor no calendário mundial e ainda não contavam com grandes assistências de público e de atletas. As referências aos Jogos de Atenas-1896, Paris-1900, St. Louis-1904 e Londres-1908 apareceram em menor quantidade do que eu esperava inicialmente. O Brasil só veio a participar dos Jogos em 1920, o que, juntamente com as dificuldades para acompanhar os eventos *in loco*, justifica o pouco interesse e a insípida cobertura jornalística.

Os outros jogos olímpicos

Nessa categoria, incluem-se os jogos olímpicos atualmente compreendidos como não oficiais e que refletem a efervescência do campo esportivo no início do século XX e a não

⁷ A base de dados da Hemeroteca é constantemente ampliada, com a incorporação de novos periódicos ou o acréscimo de edições aos jornais já componentes do acervo. Por isso, é premente a sinalização do período em que a pesquisa foi efetuada. Fonte: <<http://memoria.bn.br/hdb/periodo.aspx>>.

supremacia do COI sobre a nomenclatura e sobre o evento em si. Na década de 1900, muitos eventos autodenominados jogos olímpicos despertavam grande curiosidade na imprensa carioca. Os dois principais foram os Jogos de Atenas-1906 e os Jogos do Uruguai-1907.

Jogos olímpicos enquanto tema de comparação e expressão de uso corrente

Jogos olímpicos eram utilizados também com significados outros que não aquele usual, de evento esportivo. Há, por exemplo, sua utilização como sinônimo de subterfúgio e artimanha (1), competição (2) ou a principal competição de um dado país (3), prova (4), força física (5) e ápice (6). Ocasionalmente se utilizavam os antigos jogos gregos como base para o estabelecimento de comparações com diferentes aspectos da sociedade à época (7). Outras alusões aos jogos gregos cumpriam ainda o papel de empregá-lo como modelo para a contemporaneidade (8), ideal exemplar a ser revivido.

Estudo de caso: jogos olímpicos enquanto divertimento e atividade artístico-cultural

É esta a categoria central para o presente artigo. Nela, incluo os jogos olímpicos que apareciam enquanto atividade componente da programação circense e dos teatros espalhados pela cidade, bem como enquanto elemento festivo de comemorações e temática para peças teatrais e películas cinematográficas⁸. O uso da palavra em um contexto circense foi inesperado, porém aponta para a importância desses espetáculos enquanto alternativa de lazer para a sociedade carioca da época⁹.

No *Correio da Manhã*, as ocorrências nessa categoria superaram todas as demais. Em alguns casos, a prática de “jogos olympicos” aparecia ao lado de habilidades circenses e teatrais, como malabares, equilibrismo, números de força, entre outros. Várias companhias apresentavam em diferentes teatros da cidade seus números de jogos olímpicos. Cito algumas: Grande Companhia Equestre e de Novidade, no Theatro S. Pedro de Alcantara

⁸ Procurei me ater aos eventos que ocorriam no Rio de Janeiro. Com isso, por ora, deixei de lado todas as notícias que davam conta de jogos olímpicos em outros locais.

⁹ Ainda que lido *a posteriori*, é importante referenciar o texto “Ecos dos Jogos Olímpicos de 1896 no Rio de Janeiro”, publicado no blog “Historia do Esporte”. Nele, Fábio Peres, a partir de suas pesquisas em fontes jornalísticas para escrita do *post*, faz menção ao aparecimento dos jogos olímpicos dentro do ambiente circense. Disponível em: <<https://historiadosporte.wordpress.com/2014/04/20/ecos-dos-jogos-olimpicos-de-1896-no-rio-de-janeiro/>>. Acesso em: 11 mar. 2015.

(Correio da Manhã, 18/08/1907); The 4 Fortys, no Theatro Maison Moderne (Correio da Manhã, 22/06/1903, p. 6; Gazeta de Notícias, 17/07/1906, p. 8; 18/07/1906, p. 8; 19/07/1906, p. 8)); Troupe Baltus, no Casino (Correio da Manhã, 28/01/1903, p. 6; O Paiz, 26/01/1903, p. 4); Companhia Silbon, no Theatro S. Pedro de Alcantara (O Paiz, 24/04/1890, p. 6); Familia Jacopi, no Theatro S. Pedro de Alcantara (Gazeta de Notícias, 13/10/1896, p. 6).

A coluna “Palcos e Salões” do *Jornal do Brasil* divulgava com frequência a Troupe Baltus, “novidade absoluta para o Rio de Janeiro” (JB, 27/01/1903, p. 6). O Casino, localizado na Rua do Passeio, era palco frequente dessa companhia, descrita como “habil nos jogos olympicos” (JB, 26/01/1903, p. 2) e que contava com “perigosos exercícios de força e equilíbrio executados por quatro phenomenos athletas” (28/01/1903, p. 6).

O público-alvo desses divertimentos era heterogêneo. Quando da vinda de uma nova trupe à cidade, o *JB* assim descrevia o interesse por ela despertado: “Vas ser realmente uma delicia para os ‘nênês’ pequenos e grandes” (JB, 24/07/1905, p. 3). A chegada dessa companhia global ao porto do Rio de Janeiro foi anunciada juntamente com a enumeração dos dados técnicos do espetáculo (origem dos artistas, direção, números componentes do show). Quem quisesse aproveitar a nova atração, encontraria informações básicas sobre ela no *JB*:

Pelo vapor *Aquitaias*, a entrar de Buenos Aires, na próxima semana, deve chegar, para trabalhar no teatro Carlos Gomes, a esplendida e grande companhia equestre, gymnastica, acrobática de variedades e pantominas de aparato e transformações de que é empresario o sr. E Rays [...] Entre os números mais surprehendentes ha: os 47 ords, jogos olympicos; Brothers Finiang, campeões, barristas; Mias Leodisk, com os seus 25 papagaios amestrados; Irmãos Bekby, trapezios duplos; as três tarfenhas, bailarinos heespanhoes, T. Louza, homem lagarto; Miss Darioin, com 18 gatos amestrados; Little John, clown liliputiense; Mr. Loyal, com 8 macacos e 7 poneys, gymnastas, aramistas, pantomineiros, domador de feras, leões, panteras, byenas, ursos e tigres [...] (JB, 24/07/1905, p. 3, grifos do jornal).

A apresentação de jogos olímpicos no circo não era, contudo, uma novidade total, uma vez que conseguimos rastrear suas origens ao período anterior a 1896, data dos primeiros Jogos do COI. Outrora, as práticas atléticas, como a ginástica, encontravam palco e incentivo nos circos europeus¹⁰. “O entretenimento ao estilo circense, incorporando elementos do circo romano, foi desenvolvido em Paris a partir da década de 1820 e em Nova York na década

¹⁰ Fonte: <http://www.circopedia.org/SHORT_HISTORY_OF_THE_CIRCUS>. Acesso em: 15 jan. 2015.

de 1850”¹¹ (HORNE; WHANNEL, 2012, p. 70, tradução livre). É provável também que a chegada de trupes circenses internacionais, com seus números de jogos olímpicos, carregasse um simbolismo de inserção do Rio no rol das cidades civilizadas.

Um carioca menos entusiasta do ambiente circense, porém apreciador dos jogos olímpicos, podia assisti-los em formato de películas, transmitidas pelos cinemas da cidade. As telas do Cinematógrafo Parisiense exibiam imagens dos Jogos de Paris, segundo consta na coluna “Diversões” do *JB* (28/08/1908, p. 16; 31/08/1908, p. 1; 10/10/1908, p. 1; 12/10/1908, p. 1) e na “Echos & Factos” d’*O Paiz* (28/08/1908, p. 1). A longevidade que a película demonstra possuir, ficando, pelo menos, dois meses em cartaz, aliada a divulgação na mídia impressa, serve como indício para o interesse do público pelo seu conteúdo – os esportes olímpicos. Anúncio do “Grande Cinematographo Parisiense”, automeada “A mais importante casa de diversões da América do Sul”, trazia o seguinte em seu programa:

1ª parte – Jogos Olympicos em Paris – Scena realista sportiva representada por gregos, que executam os seguintes jogos: 3 corridas, sendo de 200, 300 e 1.500 metros; levantamento de pesos e dardos; difficeis saltos a vara, em altura e distancia de 110 metros, constituindo uma maravilha para os Srs. Espectadores (*JB*, 28/08/1908, p. 16).

A oferta de diversões voltadas para a temática olímpica não estava restrita ao circo e ao cinema. Peças teatrais também faziam uso do mote olímpico. Justamente a única referência à palavra “olympiada” n’*O Paiz* na década de 1890 dizia respeito a uma das cenas da peça teatral “Nicarete”, encenada pela “Companha Comica Italiana”, no “Theatro Lyrico (ex-Pedro II)”. Compunham a peça os seguintes momentos: “Comedia grega em 1 acto de Felice Cavallotti. A scena em Athenas no 116ª Olympiada. Seguirá a comedia em 2 actos de G. Cognetti” (04/08/1890, p. 6).

Organizar jogos olímpicos era, nesse contexto, uma alternativa eficaz para atração e divertimento do público. Por ocasião do centenário da imprensa no Brasil, a “Associação Typographica Fluminense” pretendia organizar uma série de atividades comemorativas; dentre as ditas “diversões públicas”, figuravam os jogos olímpicos: “[...] a Federação organizará uma série de diversões publicas, como espectaculos, concertos, dansas populares, festas venezianas e jogos olympicos, floraes e sportivos, em diversos pontos da cidade e a preços modicos, com a mesma applicação” (*JB*, 14/12/1907, p. 5).

¹¹ No original: “Circus-style entertainment incorporating elements of the Roman circus were developed in Paris from the 1820s and in New York in the 1850s”

Os periódicos cariocas não se restringiam apenas a divulgar eventos de outrem. Vejamos o caso da “Taça Gazeta de Notícias”. A competição era promovida e organizada pelo jornal homônimo e incluía entre suas provas os “jogos olympicos”. O evento pretendia reunir um público praticante de esportes e que era, ao mesmo tempo, leitor da *Gazeta*. Digo isso porque para participar das provas era necessário ser associado a um clube esportivo e deter um cupom publicado no periódico: “Inscrição livre aos socios de todos os Clubs Sportivos, mediante a apresentação dos *coupons medalhas*, que publicamos de 21 de abril a 29 de julho” (Gazeta de Notícias, 06/09/1906, p. 4, grifos do jornal).

Para atender a demanda de um público desejoso de diversões em seu tempo livre, a construção de novos espaços de lazer se tornava necessária. Foi assim que no início do século XX projetava-se a expansão do estádio do São Cristóvão, dispondo de um espaço para jogos olímpicos: “O campo do S. Christovam vae ser dotado de mais um melhoramento que, por certo, constituirá a *great attraction* do bairro. Trata-se da construção de duas artísticas archibancadas para jogos olympicos e hippicos, na extensão de 120 metros [...]” (JB, 09/10/1908, p. 7, grifos do jornal). *O Paiz* atentava para o mesmo fato, porém frisava a apresentação do projeto ao “Sr. Prefeito”, o que assinalava o apoio “oficial” aos divertimentos populares (O Paiz, 09/10/1908, p. 3).

Novos empreendimentos imobiliários eram construídos projetando a presença de áreas de lazer e opções de divertimentos. O médico Redamark de Albuquerque, por exemplo, solicitava autorização ao “Sr. Ministro da viação” para demolir o morro de Santo Antonio e utilizar a área, em proveito próprio, para a edificação de uma “vila pênzil”. O pedido foi negado, o que *O Paiz* objetava com a seguinte interjeição: “Que pena!”. Seduzido pelas vantagens apresentadas por Redamark, o periódico cumpria uma função mais propagandístico do que informativa:

Construída a villa, seria circulada por ampla e bella avenida, servida por linhas de carris electricos. Teria theatros, cassinos, clubs de sport, *um collyseu para jogos olympicos*, hotéis, restaurantes, bosques, lagos, jardins, praças, etc.; *enfim, os mais requintados confortos e melhoramentos de uma cidade moderníssima* (21/09/1909, p. 3, grifos meus).

Os dois exemplos anteriores apontam para os jogos olímpicos incluídos em um “pacote” de melhorias que promoviam o lazer na cidade moderna. A urgência da oferta de opções de divertimentos conflui com o interesse das instituições dispostas a oferecê-los: “O lazer [...] passa a ser uma preocupação dos órgãos públicos e privados que estabelecem atividades,

equipamentos, públicos-alvo, tempos, animadores, etc. A sua vivência torna-se uma necessidade” (ROSA, 2004, p. 68).

Não sendo a única opção de divertimento para o habitante do Rio de Janeiro, a aceitação dos jogos olímpicos, em um sentido mais esportivo, dependia de sua capacidade de conviver com outras formas de jogo já consolidadas na sociedade carioca. Dentre elas, estavam os jogos de azar, em especial o jogo do bicho. Quando a coluna “A Semana” da *Gazeta de Notícias* publica um texto sobre a proposição de dois homens “que pediram ao conselho municipal licença, não para uma só espécie de *sport*, mas para uma ressurreição de todas as idades” (29/03/1896, p. 1, grifos do jornal), o autor da matéria demonstra espanto com as peculiaridades da nova prática, principalmente com a impossibilidade de realizar apostas. O jornalista desconfiava até mesmo do possível sucesso da iniciativa: “Realmente não sei onde é que a empresa de jogos olympicos irá buscar meios de se manter, prosperar e guardar dinheiro [...]”. Aparente conhecedor dos hábitos citadinos, o anônimo colunista nos apresenta quais seriam as reais preferências do carioca: “[...] a população está desacostumada d’esse genero de *sport*, em que cada um entra com dinheiro [valor do ingresso] e sai sem elle. O uso corrente é trazerem alguns uma parte do que os outros deixam [lógica da aposta]”.

O embate entre jogos de azar e jogos olímpicos pode ser entendido dentro do quadro de transição do ócio para o lazer. Segundo Luciana Marcassa, esta mudança, no cenário brasileiro, teria ocorrido na virada do século XIX para o XX. Em suas palavras: “Esse é justamente o momento em que o ócio é substituído ou, pelo menos, incorporado e suprimido por um conjunto de atividades lúdicas e recreativas que passo a chamar, então, de lazer” (2004, p. 170). À medida que antigas modalidades de diversão eram censuradas, crescia o espaço que podia ser ocupado pelos jogos olímpicos.

Por exemplo, o artigo de opinião “O jogo”, publicado na capa da *Gazeta de Notícias* (07/04/1898), desenvolvia uma crítica severa ao jogo do bicho, visto como “fonte de tantos males para o povo”. O costume era descrito assim: “Hoje, em nossos dias, pelos caes, pelas praças, pelas ruas, em casa, na officina, e até na igreja, se joga a cobra, o gato, o pavão, a gallinha, etc, à custa do pesado suor do trabalho e da economia da semana”. Em contraponto a um hábito visto como negativo, o autor tece um extenso elogio aos jogos olímpicos da antiguidade: “Não eram jogos de mero passatempo, mas jogos que robusteciam o corpo, formavam o espírito e fazem homens soldados valorosos, bons cidadãos e homens literatos”.

O caráter utilitário deste divertimento o diferenciava daquele, que era apenas vício. Em seu tempo livre, o indivíduo ainda estaria a serviço do trabalho e do Estado, seguindo o modelo de “divertir o povo e ao mesmo tempo formal-o nas boas artes, que serviam aos fins da sociedade civil” (Gazeta de Notícias, 07/04/1898, p. 1).

A partir dos casos aqui elencados, podemos situar algumas das acepções que Maria Cristina Rosa (2004) pontua para o entendimento da diversão: a lógica utilitarista (compensação do trabalho), o benefício do lazer e o viés negativo (vício, ócio).

Em seu tempo livre, um sujeito morador da cidade do Rio de Janeiro, em meados de 1900, possuía uma gama considerável de divertimentos. Enfoquei aqui aqueles relacionados aos jogos olímpicos. O carioca interessado em informações sobre essa “novidade” podia obtê-la na principal mídia da época: os jornais. Mais do que isso, ele ficava a par de um debate incipiente sobre qual o melhor uso de seus momentos de não-trabalho.

Apontamentos conclusivos

Os números que envolvem os Jogos Olímpicos deixam clara a evolução quantitativa do megaevento (em 1896, foram 14 países participantes; em 2012, 204). O que as estatísticas não nos permitem entrever são as inúmeras tramas que conduziram as Olimpíadas Modernas em mais de um século de história. Dito de outro modo, quais jogos olímpicos ficaram pelo caminho ao longo do século XX? Ao acessarmos a escassa produção acadêmica nacional sobre o tema, principalmente em Comunicação, percebemos que ainda há muito a ser feito.

Os jogos olímpicos como vistos nas décadas de 1890 e 1900 eram capazes de circular por diferentes espaços culturais disponíveis à época. Eram circo, cinema, teatro e esporte. Os Jogos Modernos, organizados pelo COI, eram apenas um desses eventos, dividindo o espaço e a atenção dos jornais com os jogos olímpicos promovidos pelas companhias teatrais e circenses que visitavam a cidade, pelas olimpíadas não oficiais (por exemplo, Atenas-1906 e Montevideú-1907), pelos jogos enquanto atividades de lazer oferecidas pelo Estado, pelos filmes transmitidos nos cinemas do Centro da Cidade.

Uma das principais contribuições que espero ter fornecido com esse artigo é a ampliação do olhar que usualmente temos quando pensamos em jogos olímpicos. As narrativas

jornalísticas retratavam a disputa simbólica em torno dos sentidos e significados atribuídos aos jogos olímpicos e às próprias práticas esportivas. Estudar a letra impressa abre caminho para um horizonte de novas inquietações e possibilidades para entendermos o desenvolvimento das práticas de lazer e esporte no Brasil.

Bibliografia

- Barbosa, M. (2007). *História cultural da imprensa: Brasil, 1900-200*. Rio de Janeiro: Mauad X.
- Camargo, L. O. (2011). Posfácio: O lazer na sociedade brasileira. In: G. Pronovost, *Introdução à sociologia do lazer* (pp. 153-199). São Paulo: Editora Senac São Paulo.
- Carvalho, J. M. (2002). *Cidadania no Brasil. O longo Caminho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Charaudeau, P. (2013). *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto.
- Fausto, B. (2006). *História Concisa do Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Gomes, C. L.. (2004). Lazer – ocorrências históricas (verbete). In: C. L. Gomes (Ed.), *Dicionário crítico do lazer* (pp. 119-125). Belo Horizonte: Autêntica.
- Guttman, A. (1994). *Games and empires: modern sports and cultural imperialism*. Nova Iorque: Columbia University Press.
- Horne, J., & Whannel, G. (2012). *Understanding the Olympics*. Londres: Routledge.
- Marcassa, L. (2004). Ócio (verbete). In: C. L. Gomes (Ed.), *Dicionário crítico do lazer* (pp. 165-171). Belo Horizonte: Autêntica.
- Matheus, L. (2014). A imprensa e o desenvolvimento do sistema telegráfico brasileiro. In *Congresso da Associação Latino Americana de Investigadores de Comunicação*. Lima: ALAIC.
- Melo, V. A. (2001). *Cidade Esportiva: primórdios do Esporte no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Faperj.
- Melo, V. A. (2005). Lazer, esporte e cultura urbana conexão Rio de Janeiro Paris: meio de transporte: arte. In *Congresso do Centro de Memória da Educação Física*. Belo Horizonte: UFMG.
- Rosa, M. C. (2004). Diversão (verbete). In: C. L. Gomes (Ed.), *Dicionário crítico do lazer* (pp. 64-68). Belo Horizonte: Autêntica.
- Vaz, A. F. (2005). Teoria crítica do esporte: origens, polêmicas, atualidades. *Revista Esporte e sociedade*, 1(1), 1-23.